

# POLÍTICA DO CORPO

Norma Couri

Um corpo colorido se esticou sobre o pátio da mansão estilo italiano do Parque Lage aos primeiros raios de sol do chuvoso sábado de Aleluia. Julgava expressar seu estilo de vida na sala indiana, a liberdade nos pés descalços, a linha ideológica nas penas penduradas nas orelhas, o desejo de prazer na forma como largava o corpo.

— Agora sinto que estou realmente participando do seminário — disse.

Psicóloga mineira, chegou ao Parque Lage de ônibus, junto com pelo menos 400 dos 800 participantes do seminário, que vieram basicamente de Minas e São Paulo ("todos da área psi") na Semana Santa para "transar o corpo numa boa". Muitos se espantaram logo na porta, "mas é esse o programa?", muitos não conseguiram introduzir seu próprio corpo numa das cinco salas que desde sábado e até ontem mantinham 20 seminários por dia, muitos reclamaram de a forma proposta para um simpósio sobre o corpo ser, justamente, o verbo.

Logo agora que o Parque Lage, depois de ser palco de produção americana como *Tarzã* ou de filmes como *Terra em Transe* e *Macunaíma*, recebia em sua natureza verdadeiros "apologistas da carne" para um seminário organizado pelos dirigentes da antiga revista *Rádice* (atual *Luta e Prazer*) e da Livraria Espaço Psi sobre a Política do Corpo.

Há 12 anos seria Woodstock, em toda a década de 60 seria o protesto político e o não consumismo, mas hoje é o corpo, como determinaram, aliás, os próprios líderes radicais do passado na virada dos anos 70 ("em cinco anos — disse o ex-hippie americano Jerry Rubin —, de 1971 a 1975, fiz terapias gestaltista, reichiana, sexológica, massagens, dança moderna, meditação, hipnotismo, corri muito e só comi alimentos naturais: segui, enfim, o curso da neoconscientização").

Apoteose da conscientização ou da futilidade, o Simpósio da Política do Corpo tratou exatamente de tudo (inclusive da problemática dos cegos), vendeu tudo a que tinha direito (sanduíches naturais em cestas naturais, sucos puros, batidas psi, brincos, penas, colares, roupas indianas, sandálias de linha de algodão, essências variadas, compêndios versando sobre as psicologias mais insuspeitadas, livretos de poesia), divulgou movimentos socioespaciais como Ananda Marga, concertos antinucleares como *Conelave do Sol* no Parque do Flamengo, o disco produção independente de Tavinho Moura.

E por suas salas passearam figuras vestidas de roupa de corrida, de longos vestidos, de tunicas, de colares, de muita cor e vigor.

Entre uma sala e outra ouviram-se frases, palavras e expressões constantes em todos os momentos, comuns a todos os participantes: prazer, potência orgástica, proposta, orgasmo, mensagem, lance, se transar, de repente eu estou a fim de você como pessoa, aqui e agora, energia, problemática sexual, desejo de ação, técnicas reichianas, Reich, Lowen, consciência de sentir, orgon, se tocar, caráter genital, você tem essência com cheiro de terra molhada. Tá, sabe, bicho, era vírgula.

Os participantes expressaram também verbalmente suas impressões:

— Olha, consegui botar alguma coisa prá fora, libertar alguma agressividade — disse uma professora de dança paulista.

A síntese da pregação "vamos transar o corpo?" que há dois anos martela o carioca aconteceu no Parque Lage. Oitocentas pessoas — a maioria jovem — ouviram (entediados) as palestras, comeram comida "natural" e exercitaram seus físicos sem tanto entusiasmo

— Aconteceram coisas bonitas — disse a psicóloga Eliane Bertolucci de seu grupo de psicodrama.

— Não consegui assistir a nenhum dos seminários até agora, estou rodando, de sala em sala — disse Gesilea, estudante de Psicologia, de Santa Tereza.

— Parece uma comunidade, uma grande família, as pessoas aqui ficam mais à vontade, mais livres, você nota pelas roupas, pela maneira de falar, acabaram-se as barreiras, aqui se conhece gente, as emoções rolam, eu o conheci agora, nem parece, olha só como a gente está — diz Fanny Giseli, 20 anos, estudante de Psicologia.

— Concordo com a Fanny, mas sou contra a corrida para as vivências. Não se consegue participar, na verdade as pessoas vieram para vivenciar, e aí os grupos são limitados, a gente fica só ouvindo as teorias e se participa, na hora que liga já estão desligando, já está acabando — diz o médico homeopata, ex-psiquiatra ("fiz uma descida para o corpo") mineiro Ibsen Drummon.

— Curto muito este ambiente descontraído, fico mais relaxado, tô gostando bastante, isso nos permite vivenciar as próprias vivências, estou bem interessado na proposta reichiana e com bastante esperança — diz Edson Baeça, 22 anos, estudante de Psicologia, da PUC, São Paulo.

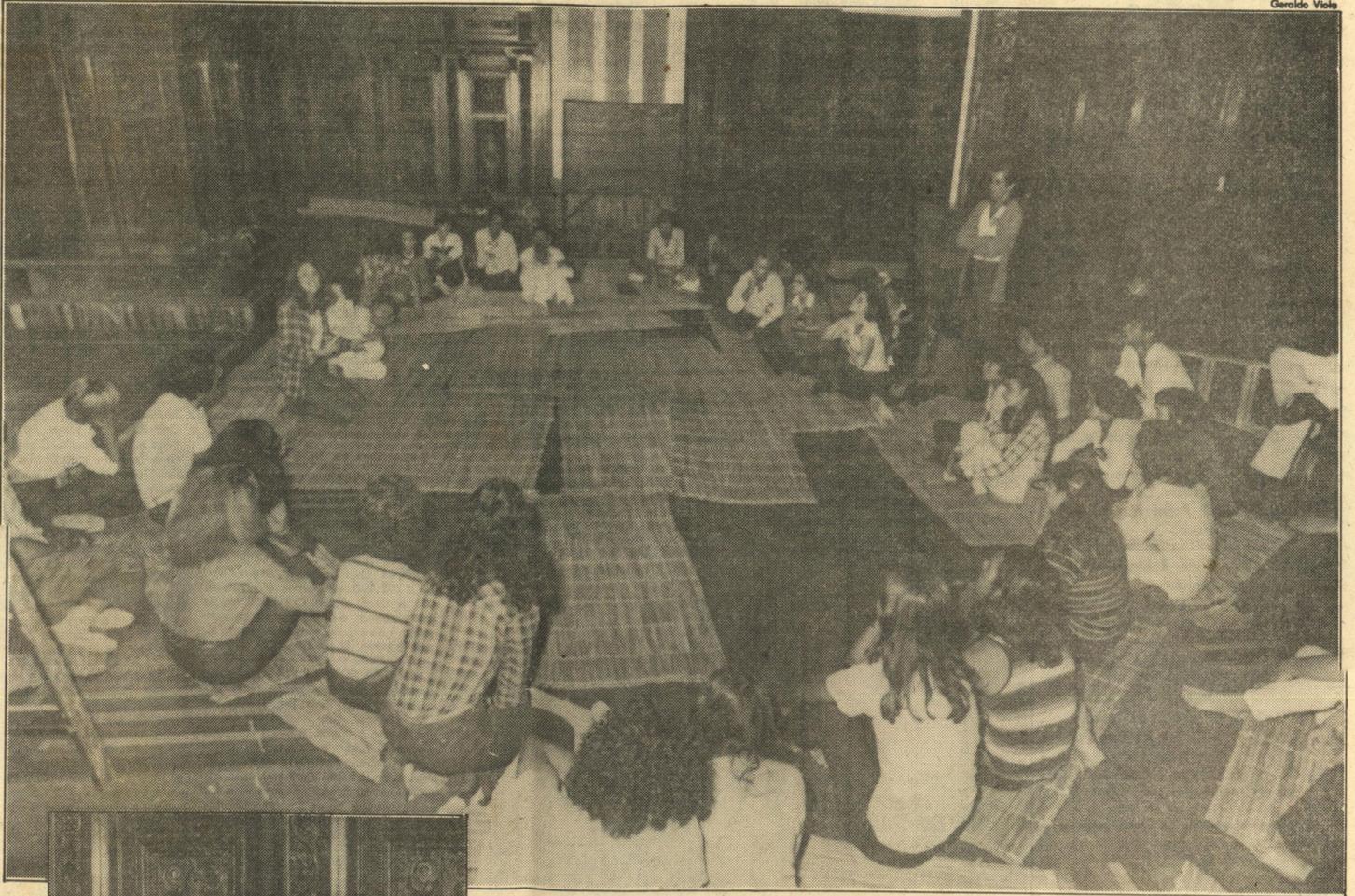
— Estou achando tudo muito estranho, sou formada há oito anos, essa coisa é muito avançada, essas rodinhas, eu heim... — disse uma psicóloga a outra.

— As rodas estão imitando índios, é a expressão corporal interna, expressam uma situação primitiva e tudo o que é de índio é bom, eles têm mais equilíbrio — disse uma terceira psicóloga.

— Esperava coisas mais concretas, vim de ônibus do Paraná com mais seis colegas, está tudo muito mal organizado, não dá para a gente fazer as experiências, as vivências, só uns poucos o fazem. Mas o Parque é bonito — disse Rutly Pireu, estudante de Psicologia.

— Não é nada disso, eles estão totalmente fora da realidade do país, afinal os acontecimentos políticos estão evoluindo e de repente as pessoas só falam em política do corpo. Parece que todo mundo está nos seus consultórios, isolado, grupinhos e grupinhos, e achando "um barato transar o corpo". Vamos fazer um manifesto, o corpo é importante, isso aqui é importante, mas é só corpo, está faltando a política — dizem os estudantes de Medicina Mauro, Nilson, Marcos, Jefferson e Márcio.

Um dos muitos cartazes pregados pelos participantes, escrito a mão, definia as intenções: "Ontem discutíamos se a revolução seria operária ou campesina. Hoje discutimos o melhor prazer, o melhor orgasmo." Ao lado do cartaz, no espaço reservado para cada um escrever "o que se passar na cabeça" (graffite), havia de tudo ("Rebeca minha boneca, ond está você?"), nas profecias referências a Reagan, Prestes e Lula e ao mesmo tempo Carlos Ralph, um dos dirigentes, emitia no alto-falante a sua rádio Sérió-Alegre falando literalmente o que lhe vinha à



Gerardo Viola



cabeça ("Frank Sinatra aqui conosco, é mentira que Rolló May está no congresso, e agora com vocês Chico Buarque ao vivo" etc).

Essa, a "grande festa". Difícil saber se pelos Cr\$ 2 mil 900, ou menos Cr\$ 500, se estudante, valeu a pena o Simpósio. Quem optou pelas palestras versando sobre temas nunca antes imaginados, ouviu muito verbo repetitivo e inútil, palavras que em nada se referiam ao complicado tema proposto. Vez por outra conseguiu vivenciar uma experiência com o outro, com o corpo.

Enquanto uns falavam, numa sala, de alimentação natural, na outra acontecia um psicodrama, numa terceira se analisava um parto natural, numa quarta se aprendia a Bioenergética ("uma experiência de abordagem corporal baseada em Reich: o corpo apresenta uma estrutura e pode ser lido compondo uma ou outra personalidade, determinando corações, refletindo tensões musculares e emocionais") — explica Nicolau Maluf Filho. "As técnicas reichianas permitem maior espontaneidade, maior contato com a sexualidade, uma energia mais canalizada. Fazemos exercícios de respiração, de mobilização energética, um trabalho para diminuir essas tensões".

Do lado de fora, Rainer Viãna, ao som do poema do carrasco de Rui Guerra e da trilha sonora de *O Estranho no Ninho*, sem emitir palavra, dança lindamente representando a história da mão presa, pintando-a de azul ao libertá-la.

Do lado de dentro, José Ângelo Gaiarsa fala do tédio do terapeuta ao escutar dia após dia os problemas do paciente ("porque minha mãe, porque meu marido...") e explica por que optou pelo corpo, pela libertação através dele, pelo distensionamento e pelo

## DO PARQUE LAGE A ALGUM LUGAR INESPERADO E NOVO?

(do corpo mas dissociada da afetividade) e a energia bioelétrica (a afetiva), fazendo a dicotomia entre as energias que geram um tumor (morte) ou um bebê (vida). Ana Mautner, segundo ela própria uma das primeiras a "corporejar", insiste, dentro do seminário do corpo, contra a divisão do corpo e da mente ("são indivisíveis, não se pode recortar apenas um deles no trabalho terapêutico, o verbo não é a única forma de terapia, mas é passagem obrigatória").

E para os que se recusavam a "rotular" estados e faziam a apologia do não verbal, Ana definiu: "O psicoterapeuta é freqüentemente mais louco do que alguns de seus pacientes, mas não enlouquece porque tem nomes para seus estados, suas loucuras, atua no campo conhecido, então, que é o verbal."

— O trabalho é esse, unir corpo e mente.

O organizador Carlos Ralph, formado em psicologia, insistia em que o espaço criado ali "é importante sim, chega de se falar em corpo só no nível de linguagem". Outros diziam que faltava exatamente isso. E enquanto muitos preferiam apenas se deitar ao sol do Rio e comer pastel de legumes com suco e mamão e laranja ("isso afinal é um prazer maior do que sair por aí ouvindo teorias sobre o prazer"), Ulysses se cansa, e inesperadamente se despe no pátio. Diz:

— Por que me chora tanto um poema vivo/ Por que surpreende tanto a boca se dela sai a palavra/ Por que nos parece estranho o peito se dele vem a emoção?/ Por que nos desviamos do corpo se em cada pedaço dele está vivido um poema?/ Por que nos cobrimos com símbolos, códigos e mensagens se nos basta a pele e sua plena linguagem?/ Por que buscamos torcicolos olhando as estrelas/ e denominamos lixo estrelas de cabeça, tronco e membros?/ Por que damos riso ou susto nos versos do meio, da frente, de trás?/ Por que não nos lemos uns aos outros/ por que chamamos de poesia o que talvez não seja/ e não chamamos de poesia o que realmente é?/ Se é poesia é a volta para o ser humano/ Aqui está um ser humano/ Aqui está a poesia.

No Simpósio de Política do Corpo parece ser isso o que estava faltando. O psicólogo e filósofo mineiro José Geraldo Campos que desde o início se mostrava insatisfeito por se estar tentando logo ali aproximar a consciência num nível verbal ("a vivência deveria ser corporal"), se levanta, abraça Ulysses ("isso foi muito importante..."). E explica:

— Parece que estão todos com medo da espontaneidade, do que pode acontecer e se deixam controlar pelos horários, pelos seminários. Era preciso enfrentar o fantasma do medo gravado em nossa cabeça. Viver o aqui, o agora.

Mesmo viver o aqui, o agora, não garante que isso será vivido ali, depois questionam algumas para quem o Parque Lage por si é um convite ao clima que se estabeleceu de grande festa e colorido.

Se algo de novo aconteceu ali, difícil saber. Para muitos foi apenas a caricatura de uma época empobrecida, cheia de modismos indistiguíveis, calcada na busca de afeto sem garantias de que haja maior afetividade, apesar do jargão.

Reflexo dos movimentos internacionais, nos Estados Unidos isso foi responsável pelo encontro de muitos líderes (da rebelião, da contracultura, do protesto de 1968) 10 anos mais tarde e de sua pergunta incrível:

— Mas o que aconteceu conosco?

O guia espiritual dos anos 60 Timothy Leary se voltou para o show business; Rennie Davis declarou: "Troquei o movimento político radical pelo guru Maharaj Jr.", e o ex-hippie Jerry Rubin cortou os cabelos, descobriu seu lado feminino e tornou-se um adepto da "revolução interior dos anos 70".

Mãos dadas no Parque Lage, 300 pessoas fazem círculos concêntricos e jogam as mãos para os céus na Biodança de Rolando Toro ("são as técnicas da vitalidade, da afetividade, da sexualidade, da criatividade, da transcendência para deflagrar o estado cósmico"). Um é parte do outro, é parte da terra. Mas há algo de novo nesse apoteótico movimento do corpo?

"Depois da efervescência política dos anos 60, as pessoas resolveram que só o bem-estar psíquico importa", escreveu Christopher Larsh em *A Cultura do Narcisismo*.

Numa corrida rústica ("com técnicas reichianas, dando a visão bioenergética", diz Joel Macedo, organizador) em torno da Lagoa, os participantes tiveram seu final esperado (máximo da potência orgástica?) e natural para quem tanto se preocupa com o corpo, com o eu, com o bem-estar. Não se sabe aonde chegarão e há dúvidas de que seja realmente a um lugar inesperado ou novo conduzindo a nova (e estranha) era.

prazer. "Mas isso garante o encontro com o outro?" — pergunta afilta uma mocinha. "Garante que o outro lhe devolva o mesmo amor?"

Gaiarsa sorri, se entristece. "Não, não garante, é preciso ter competência técnica para ver o outro. Mas isso de que você está falando, o retorno, depende de um toque da graça divina — nem todos são os escolhidos." Anima, entretanto, aqueles cansados de esperar ou de viver o poema *Quadrilha*, de Drummond: "É preciso olhar para ver, coragem para seguir. A repressão começa no olhar." Sem dúvida alguma o grupo Sem Palavras foi dos mais procurados, onde as pessoas mais se tocaram, mais se abraçaram, mais choraram, mais liberaram, mais se distensionaram.

O mesmo aconteceu no grupo de Eliane Frankel, técnica baseada em Kelley (o Movimento Reichiano atual), em alguns psicodramas e vivências.

Quanto ao resto, à alegria geral, Eduardo Mascarenhas — que concentrou imensa audiência numa mesa onde seu companheiro Chaim Katz, ao som de ópera, analisou psicanaliticamente Dom Giovanni e sua companheira Rachel Alkabas seguiu literalmente a sua proposta de fazer palestra sem ter começo, meio, fim — pergunta por que um psicanalista bom tem de ser sério e não alegre, e fala do exhibitionismo ("é vida") e sobre o voyeurismo ("é morte").

— Não existe essa "tela em branco" que as sociedades psicanalíticas querem para os analistas: pessoa alguma é tela em branco e suas atitudes e discursos já dizem muito ao paciente sobre quem é você. Então um psicanalista não pode frequentar praia, restaurantes, não pode dançar? — pergunta e se desculpa ao mesmo tempo.

Sobre o próprio seminário se discutiu, Fabio Landa fazendo a distinção entre a energia mecânica